MODERN!SMO

Arquivo Virtual da Geração de Orpheu

BNP/E3, $14^2 - 14^r$

At 153 The Hoir's Class runs for consented, global a regultor public, tools a arm of suri an senant plants den O up In Substite vai i's up or mosts. After one Vat tor, un Pulis, a hallow, an — to ma; orn you she (Andre arm) O ogo to i'm put a mingrie, in Squaraments.

Transcrição

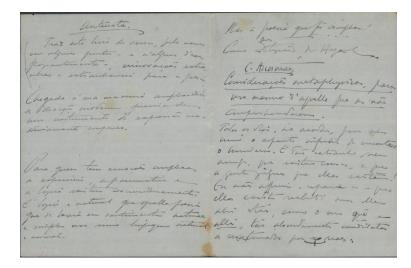
Na "Elegia", estava como que concentrado, fechado n'aquelle melhor, todo o amor que disse ser derramado pela Natureza-Deus.

O vago dos symbolistas não é o vago dos mysticos. Mystico era Victor Hugo, não Verlaine, ou Mallarmé, ou $\{...\}$ - tão mais vago do que elle (|Nada errou|) O symbolista é um poeta de imaginação, não de pensamento.

MODERN!SMO

Arquivo Virtual da Geração de Orpheu

BNP/E3, $14^2 - 14^v$



Transcrição

Antenota.

|Traz este livro de versos, pelo menos em alguns pontos - e n'alguns d'esses flagrantemente -, innovações extranhas e extranhaveis para a poesia, {...}

Chegada á sua maxima complexidade de ideação moderna precisa de um instrumento de expressão maximamente complexo.

Para quem tem emoções complexas a exprimir, a grammatica e a logica existem secundariamente. É logico e natural que aquella poesia que se baseia em sentimentos naturaes e simples use uma linguagem natural e normal.

Mas a poesia que fôr complexa?

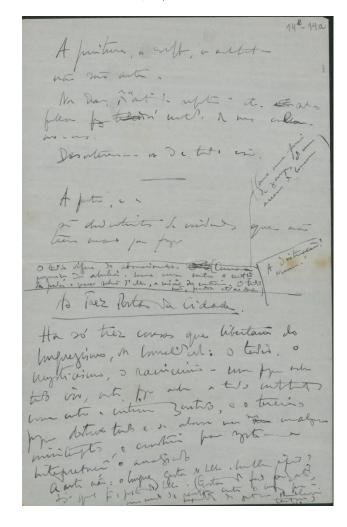
Como as obras lyricas de Hugo.

Chronicas Anormaes

Considerações metaphysicas, para uso mesmo d'aquelles que as não compreenderem. Todos os dias, ao andar, pesa sobre mim o espanto infantil de encontrar o universo. É tão extranho, meus amigos, que existam cousas, e que a gente julgue que ellas existam'em\! Eu não affirmo - repare-se - que ellas existem realmente! Mas ellas ahi estão, como o seu quê e alli, tão absurdamente candidatas a ser'(em)\ tomadas por reaes.

Arquivo Virtual da Geração de Orpheu

BNP/E3, $14^2 - 14a^r$



Transcrição

A pintura, a esculptura, a architectura não são arte.

Na Era da "arte" da "ruptura" etc. vendo fallar $\frac{\text{faz todo}}{\text{da}}$ dá vontade de nos calarmo-nos.

Desinteressamo-nos de tudo isso.

A parte, e o {...} são distinctas de individuos que não teem mais que fazer {...}

O tedio differe do aborrecimento. $\frac{0}{0}$ t (Como a preguiça da abulia. Uma cousa contem o sentimento de poder e querer sahir d'elle, a visão do contrario. O tedio não, penetra até ao sonho) (Como uma furia de zangar, de um accesso de loucura.)

A distracção? Nunca.

As Trez Portas da Cidade

Ha só trez cousas que libertam do burguesismo, da banalidade: o tedio, o mysticismo, o raciocinio - um porque acha tudo ôco, outro porque acha a tudo constantemente um outro e intimo sentido, e o terceiro porque destroe tudo e da alma nos ser serve analyses ininterruptas, e construi por synthese e interpretação o analyzado.

A arte não: o burguez gosta do bello. Um bello inferior? Sim, porque lê e gosta do bello. (Gostar do feio foi, então, um modo de revolta contra o burguez para a originalidade de gosto como Baudelaire tentou.)

Arquivo Virtual da Geração de Orpheu

BNP/E3, $14^2 - 14a^v$

Paro is vor. So report, ente a il pue me a proven, estapos a mayor so reamy Co anantos de tado atorio mon spir mi the inter proments in fee face for o unifor sent type in in regite of put how que no vi i les c'a relum to come a almo to cours. One for you Pour on April o doto com o so. Mes into It we sh' a ah A own pula inter Se'a fami finde, sen definion, in a shower

Transcrição

Paro ás vezes, de repente, entre a vida que vae e a que vem, |estagno a margem do descaso|. E o assombro de tudo |como que s| esboroa-se sobre mim.

Ha outros momentos em que parece que o universo de repente representa mal e se trahe noutros, em que parece subitamente ouvir-lhe outra vez, colher-lhe de relance outra naturalidade, {...}. Como um repente que um vento traz e n'um repente {...}, entrementes qualquer um bocado ainda irrevelado de qualquer desolada e inesperada cousa...

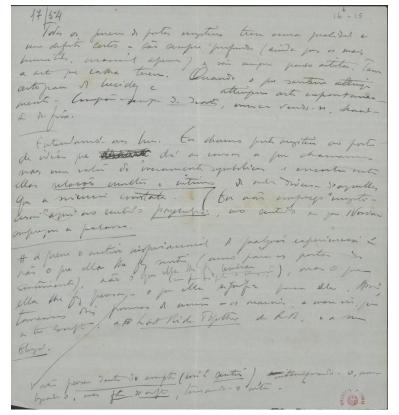
O que ha de bello é a alma da cousa o que não se vê n'ella. O mito nunca dá a alma das cousas. Quero por vez dal-a. Para isso defino o objecto como se vê. Mas isso só nos dá a alma da cousa pelo *intermedio da obra*.

Só a musica e a poesia podem fazer isso. A poesia sim; ao descreve *nitidamente*, mas essa descripção nitida por sua natureza é ahi descripção. Por sua natureza a poesia é espiritualizar.

Só a poesia pode, sem deformar, dar a alma de um objecto.

Arquivo Virtual da Geração de Orpheu

BNP/E3, $14^2 - 15^r$



Transcrição

Todos os generos de poetas mysticos teem uma qualidade e um defeito certos - são sempre profundos (ainda que os mais humildes occasionalmente apenas) e são sempre pouco artistas. Tem a arte que calha terem. Quando o que sentem attingir certo grau de lucidez e {...} attingem arte expontaneamente. Compõem sempre de dentro, nunca vendo-se, olhando-se de fóra.

Entendamo'-nos bem. Eu chamo poeta mystico ao poeta de idéas que desmente dá as cousas a que chamamos reaes um valôr de meramente symbolicas e encontra entre ellas |relações occultas e intimas| de ordem diversa d'aquellas que a sciencia constata. (Eu não emprego "mysticismo" aqui o sentido *psychologico*, no sentido em que Nordau empregou a palavra.

[#] a quem o motivo inspiracional de qualquér experiencia é não o que ella lhe fez sentir (amor para os poetas de sentimento), não o que ella lhe fez lembrar (como para os poetas de imaginação), mas o que ella lhe faz pensar não pensar dentro do assumpto (isso é sentir) ins intensificando-o, analysando-o, mas fóra do assumpto, tornando-o outro - o que ella significa para elle. Assim tomemos dois poemas de amôr - os maiores, a meu vêr, que se tem escripto: a Last Ride Toghether de Robert Browning, e a sua Elegia.

Arquivo Virtual da Geração de Orpheu

BNP/E3, $14^2 - 15^v$

Ren - portes de misquiacão. Ren - persamento. · Newsand us anor, hurset anne sake so und, it I in put antis, in a funt. O and com pets estate no mundo, un ato mus cossitio, a protest for the o prescape, o and - in, to the o prescape, put "for a not on it - form to the above, it has a not on the start of the contraction of I pate to sto anot man fort; o i mig. more

Transcrição

Os gregos - poetas de imaginação. Renascentistas - poetas de sentimento. ? Romanticos - poetas de pensamento.

Pensando no amor, Musset nunca sahe do amôr; isto é, é um poeta de sentimento, não de pensamento. O amôr como facto existente no mundo, como outras cousas coexistindo, e o Mysterio pa envolvendo tudo - isso não lhe o preocupa; o amôr *em si*, as dores, as alegrias d'elle.

Amplia... até Deus

quanta "perda de sentimento" escreve isto - parece-lhe sim abandonado, já não-amor. Aqui o amôr torna-se abstracção, perde o seu accento com que era sentido.

O poeta de sentimento mostra mas sente; o de *imaginação* encontra. O de pensamento paira, menos tangivel, acima d'elles.



Arquivo Virtual da Geração de Orpheu

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de https://modernismo.pt/
está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.